

## BOSS AC

Não são ainda 10 da manhã de dia 17 de Março, o que, num universo jornalístico de tendência old-school, é madrugada. Não por acaso, no universo da criação musical também costuma ser assim. No raro momento em que o rádio deixa o papel de parede para assumir o papel de transmissor de mensagens com origem humana, o escriba ouve Boss AC falar na Antena 3 sobre o seu mais do que novo álbum, *Ritmo, Amor e Palavras*. Com uma voz mais clara e acordada do que metade da população mundial, Boss AC materializa assim a imagem do trabalhador compulsivo que dele emana para quem o conhece há pelo menos 10 anos. Vai a todas, com um profissionalismo ímpar e, ao mesmo tempo, um discurso não formatado.

Escassas horas mais tarde, enquanto se prepara para a sessão para a capa do BLITZ, diz ao telefone a um elemento da sua editora que o eventual atraso de um jornalista daí a algumas horas lhe prejudicaria o trabalho. Por outras palavras:

**«Não ponho entraves no que faço. Estou-me nas tintas para o que as pessoas possam pensar — se me lembrar de fazer uma música com a Ágata, chamo-a, simplesmente»**

Boss AC traz na mão um exemplar do seu novo álbum, disco cuja masterização final, que pouco antes havia ouvido, o enche de orgulho. *Ritmo, Amor e Palavras* é o novo álbum de Boss AC, o terceiro em nome individual e, por isso, o mais importante entre todas as outras milhentas coisas em que está envolvido — de mais um álbum do seu parceiro Gutto a um projecto especial e surpreendente que mantém em segredo. Alguns dias antes, numa conversa informal durante um espectáculo de uns norte-americanos vagamente aparentados do hip-hop, havia o produtor e MC confessado ao repórter que a recente nova passagem por Nova Iorque para trabalhar com o soul brother Troy Hightower parecia ter aberto mais portas do que à partida se podia supor. É precisa-

mente por aí que começamos, pelo fim, a entrevista à volta de *Ritmo, Amor e Palavras*. Que havia saído dos Estados Unidos com uma colaboração com Pos, dos De La Soul, já se sabia, mas que o seu futuro pode passar por deixar Portugal é coisa dita em primeira mão pelo próprio. AC em discurso directo, que os bons MCs não precisam que se lhes adorne a verve.

**Nessa noite falavas-me de contactos, reacções, coisas que se passaram durante e após o teu trabalho em Nova Iorque...**

Em relação a possibilidades de trabalho, não quero mandar foguetes para o ar. O que de positivo mais houve na minha viagem aos Estados Unidos, além do trabalho com que saí de lá, foi o reacender da chama e o voltar a dar-me confiança no meu trabalho. Ouvir pessoas que não percebem patavina do que eu digo dizerem, como o engenheiro que me masterizou o álbum *Jim Brick, que já trabalhou com M.O.P., Puff Daddy ou Mariah Carey*, que é um dos melhores álbuns de

hip-hop que alguma vez ouviu na vida... Aquilo, para mim, derreteu-me completamente. E o Troy sempre a incentivar-me. Não quero sonhar muito alto, mas é óbvio que gostaria de fazer alguns trabalhos para lá. E há essa possibilidade, mas não vou mandar nada para o ar. Não é coisa que me tire o sono, mas é sempre bom. Irrita-me esta mentalidade portuguesa da mediocridade, de andar sempre num chorrinho. Temos que sonhar. Com os pés no chão, mas sonhar. Se um gajo se prende muito com o que se passa aqui, um gajo estagna. A mim não me interessam rótulos. Não me interessa se dizem «és o melhor», porque depois sento-me em casa a pensar «sou o melhor» e estagno, não avanço.

**Para que um engenheiro de som te diga o que**

**te disse, tens a necessidade de explicar-lhe em inglês aquilo que estás a cantar em português?**

Claro. A minha música é feita 50% de música e 50% de letras. Não descuro nenhuma das partes e faço sempre para que exista um casamento perfeito. Dou-te um exemplo: o «Farto De...», que é uma música mais de revolta, um estado de espírito; se tirar a letra e ficar só o instrumental, de certeza que aquilo não te faz pensar em amor. Da mesma forma que se eu te mostrar o «Princesa» sem a voz tu não vais pensar em revolta. Acho que foi por aí que ele disse que era musicalmente um dos melhores álbuns de hip-hop que tinha ouvido. Com o Troy a preocupação é a mesma.

**Quando coisas dessas acontecem, até que ponto não é tentador ir para os Estados Unidos sem bilhete de regresso?**

Já estive mais longe, se queres que te diga. De hoje para amanhã, não sei...

**Uma coisa é teres a ambição de fazer, outra é ouvires pessoas do meio dizerem-te que podes fazer coisas interessantes lá...**

Nunca me iludi e isso não vai acontecer agora. Uma coisa é certa: quem não arrisca não petisca. É difícil, mas se não tentar nunca saberei se o faço ou não. Tenho que criar condições para isso. Tenho planos para, num futuro próximo, ir passar realmente uns tempinhos lá. É óbvio que se não estiver no local as coisas não acontecem. ACs, lá, há mais que as mãos. E às vezes as coisas não têm só que ver com talento, mas com estares no lugar certo na hora certa, com quem conheces quem. Tanto que ouvires sucessos absolutos que vêm dos Estados Unidos e que, se os analisares, aquilo é merda. Há coisas feitas em Portugal, por mim e por muito mais pessoas, que põem aquilo a um canto. Mais uma vez, é preciso perder o preconceito de ser português. Ser americano não faz de ti melhor ou pior. A música, para mim, é universal. Enquanto artista, se houver algum entrave porque falo português, interessa-me é que música é música. Ou é boa ou é má. Em relação ao hip-hop, uma das coisas que realçaram em mim, e que acho que é verdade, foi a minha maneira de ser. Como sabes, não ponho entraves no que faço.

Estou-me nas tintas para o que as pessoas possam pensar — se de hoje para amanhã me lembrar de fazer uma música com a Ágata, chamo-a, simplesmente. Acho que essa é uma vantagem em relação a muito do que se ouve nos Estados Unidos. Os gajos de Nova Iorque têm aquele som e estão um bocadinho confinados àquele som. Os gajos da West Coast idem aspas. E eu não estou confinado a nada — tão depressa faço um som bounce, com um feeling do Sul, como faço uma coisa com um feeling nova-iorquino, como ponho elementos portugueses que eles nunca ouviram, como trago elementos cabo-verdianos que eles também nunca ouviram. E acho que é por aí, em vez de fazer o que toda a gente já fez: samplar o James Brown ou os Kool & The Gang.

**Preferes samplar os Madredeus (em «Que Deus»)?**

Os Madredeus, uma Cesária, um Carlos Paredes. Coisas nossas.

**O que é que procuravas quando samplaste «O Pastor»?**

Primeiro, os Madredeus merecem-me todo o respeito. Merecem-nos todo o respeito por serem das poucas bandas que levam a nossa música além-fronteiras e em português. Isso é outra conversa, mas eu acho que tem que se fazer música em português. Não abdicó disso.

**Vás ou não para Nova Iorque?**

Vá ou não para Nova Iorque. A vida dá muitas voltas, mas se algum dia eu tiver alguma saída internacional, espero bem que seja em português. O Troy diz-me, por vezes, para tentar fazer alguma coisa em inglês. Eu não falo mal inglês, mas não sou mais americano que os americanos. Se o falo às vezes, é porque gosto. Tenho a noção que domino a língua portuguesa, mas não a inglesa.

**Voltando aos Madredeus...**

Sempre adorei aquela música e sempre quis fazer alguma coisa com ela. Tinha aquele beat parado e tinha também a letra. E tinha a noção de que aquela letra é das de que mais gosto entre as que fiz. Acho que muitas pessoas se vão identificar com aquela letra, porque fala de Deus. Não ofende ninguém; toda a gente, mesmo quem é



religioso, já teve alturas de dúvidas. Não era qualquer música que acompanharia essa letra. Da primeira vez que cantei em cima daquele beat, pensei que era aquilo que queria. Fui mostrando a algumas pessoas mais próximas e toda a gente me dizia: «Madredeus? Tu és maluco!». E eu respondia: «Deixem-me experimentar! Se eles não autorizarem, fico com pena, mas não é o fim do mundo». Chegou ao Pedro Ayres Magalhães um mp3 com a música e fiquei só à espera do «não». E recebo um mail a dar-me os parabéns por ter um excelente tema. Fiquei muito contente, porque filei com os autores da música e consegui fazer algo que respeitou o que eles fizeram: se me dão os parabéns, é porque consegui acrescentar qualquer coisa ao que eles tinham feito sem o desvirtuar. Além disso, tudo aquilo que os Madredeus representam, aquela ideia da Paz, tem muito a ver com aquela letra. No fundo, o que digo é que acredito na Paz e no Amor.

**Normalmente, quando vais para Nova Iorque já levas todo um álbum pronto. Em que medida é que a cidade é inspiradora, se o disco já está feito?**

Está e não está pronto. Ao contrário do que, se calhar, muitas pessoas pensam, eu sou um gajo flexível. Acho é que sei o que quero, o que as pessoas às vezes confundem com arrogância ou autoritarismo. Para não me dispersar, levei as coisas 80% estruturadas e prontas a misturar, mas tenho toda a flexibilidade com as pessoas com quem trabalho. E desde que as críticas sejam fundamentadas, estou sempre disposto a ouvi-las. Ainda mais de um gajo como o Troy. Mas só chegar lá é fantástico. Não tens que ir à procura de nada, as coisas vêm ter contigo. Mal piso em Nova Iorque fico logo com vontade de fazer um álbum novo e esquecer o que tenho agora. Só não fiz mais músicas porque não levei material. Mas inspira-me sempre, há sempre aquele toque

das de hip-hop de sempre, os De La Soul. Interessava-me mais saber de que forma reagiu o Pos à tua música do que a forma como chegaste até ele.

Antes de falar com ele, antes de haver contacto pessoal, tinha medo de conhecê-lo e de poder não haver empatia. No momento em que o conheci o medo foi à vida e estava à frente do Pos como estou aqui à tua frente. Somos dois seres humanos. O gajo também caga, mijá, acorda e come. Houve empatia e as coisas fluíram. É claro que fico orgulhoso por estar ao lado de um gajo daqueles e ele dizer-me: «Foda-se, a tua cena é do caralho». Sentámo-nos a ouvir o álbum todo e eu estava felicíssimo a ver um gajo daqueles a abanar a cabeça e a dizer-me: «Foda-se, isto está a soar muito bem!». E a perguntar: «De que é que estás a falar aqui? Isto está muito fixe, esta orda!».

**Na minha opinião, Portugal é pequeno, ou pouco adequado como mercado, à música que fazes. Concordas com isto?**

Concordo. Sem a mínima dúvida. Até no «Baza Baza» eu já dizia isso: «Não tenho mercado para o que eu faço! não sou do tipo de alogar as mãos em bogaço».

**Sentes-te, nesse sentido, inteiramente recompensado pelo empenho que colocas nos discos?**

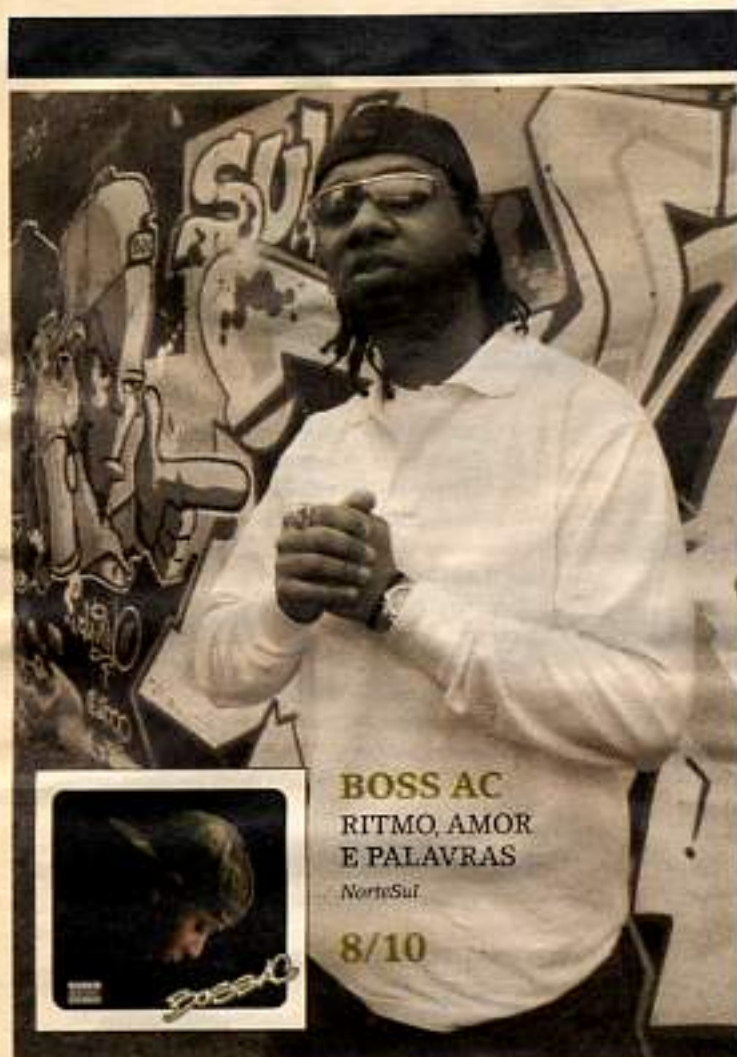
Vou sentindo quando tenho feedback, mas acredita que todos os dias as pernas tremem. Não há dia em que não acorde a pensar em mandar tudo para o caralho e mudar de vida. Eu não me sinto artista. Quem me conhece sabe que sou um gajo low-profile, que gosta de estar no seu cantinho. Quando estou com os meus amigos não gosto de falar do meu trabalho e não gosto, nessas circunstâncias, de ser apresentado como «Boss AC». Sou o AC, para os amigos. A forma como as coisas evoluíram foi um acidente de percurso, porque sempre gostei de música, sempre



# SEMANA DA JUVENTUDE

## 005 SENTIR\*





**BOSS AC**  
RITMO, AMOR  
E PALAVRAS

NorteSul

8/10

J.S.

>> Pedro Gonçalves

Pensar em pequeno não é forçosamente um defeito. É, somente, o contrário de pensar em grande mas, sobretudo, um direito. O criador artístico tem o direito inalienável de ambicionar tão perto ou tão longe quanto lhe dê vontade. No universo do hip-hop feito em Portugal, há pelo menos duas categorias distintas de MCs e produtores: por um lado, alguns a quem parece ser suficiente o respeito dos seus camaradas de labor; por outro, aqueles para quem a mediania não chega, para quem os critérios «made in Portugal» são absolutamente irrelevantes e que, sobretudo, pegam de caras o corpulento touro da ambição sem fronteiras. Nesta última categoria, a daqueles a quem as produções norte-americanas não metem medo, estão, entre outros, D-Mars e Boss AC.

Boss AC, que aqui nos traz, há muito que assume, sem necessidade de dizê-lo, uma postura audaciosa naquilo que faz. Quando sai de Lisboa e vai a Nova Iorque entregar as misturas dos álbuns a Troy Hightower, não é de um nome sonante para os créditos que AC se lembra, mas da certeza de regressar a casa com um álbum pronto capaz de ombrear, num planeta justo, com muita da produção urbana que chega de diversos pontos do globo. Além disso, regressa ainda com um disco em que Pos (ou Posidnuos), rapper dos seminários De La Soul, solta suaves rimas em cima de «Yo (Não Brinques com Esta Merda)». Diz o povo que a sorte protege os audazes.

*Ritmo, Amor e Palavras*, o novo álbum de Boss AC, está ligeiramente acima do que do artista eventualmente se poderia. Mesmo quando pisa terrenos mais duvidosos, como a balada delíciode «És Mais Que uma Mulher», *Ritmo, Amor e Palavras* trata logo de entregar, em seguida, «Só Preciso de Cinco Minutos», um assomo voluptuoso de R&B com uma das melhores letras já gravadas por um rapper na língua portu-  
gue-